

Salvador, 26 de janeiro de 1930

25

Todos à bordo do Araranguá

O ano de 1930 marca a primeira grande excursão do Bangu. A viagem interestadual à Bahia no final de janeiro foi um fato relevante e de grande importância para a divulgação do nome do clube alvirrubro. O convite foi feito oficialmente pelo Sport Club Ypiranga, de Salvador.

O Bangu embarcou para a Bahia no dia 24 de janeiro, no navio Araranguá, com grandiosa cobertura da imprensa esportiva, que não parava de admirar os feitos do nosso presidente Antônio Pedroso Reis e os seus “Mulatinhos Rosados” – alcunha criada por ele próprio. O jornal *O Sport* esteve presente na hora do embarque e narrou o fato de extrema importância:

“O bota-fora dos Mulatinhos Rosados esteve bastante concorrido, notando-se no Armazém 11, onde se efetuou o embarque da valente turma banguense, grande número de *sportmen*, bem como representantes de diversos clubes da AMEA e jornalistas. Às 9 horas em ponto, a bela unidade do Lloyd Nacional levantou ferros, entre vivas e aplausos aos ‘Mulatinhos Rosados’, que respondiam sorridentes, com *hurras* prolongados e entusiásticos”.

Na delegação, além dos 13 jogadores (sim, somente 13!), não levávamos nenhum técnico. Afinal, o futebol brasileiro era estritamente amador. Levávamos sim quatro palpiteiros de plantão: o presidente Antônio Pedroso Reis, o secretário Elias Gaze, o tesoureiro Ayres de Souza e até mesmo um jornalista específico para cobrir a grandiosa excursão: Zolachio Diniz, que funcionou como um assessor de imprensa moderno, enviando textos para as mais diversas redações.

As matérias que Zolachio Diniz escreveu mostram bem o espírito festivo da viagem, a alegria dos banguenses em conhecerem terras

novas e o clima inocente dos anos 30. Fragmentos históricos de um tempo totalmente diferente.

Cargas ao mar

Pela primeira vez no Brasil tivemos a felicidade de assistir à pontualidade! Eram 9 horas em ponto quando o Araranguá levantou ferros. A rapaziada toda ficou no tombadilho, até o último instante em que pode divisar as pessoas que permaneciam no Armazém 11. Quando era de todo impossível a vista alcançar ou distinguir os parentes e amigos que, do cais, davam adeus, a turma se pôs em campo para conhecer bem o ambiente. E o belo pacote do Lloyd Nacional foi percorrido pelos rapazes.

Todos contavam enjoar, e cada qual mesmo procurando se distrair aguardava o momento de pôr “cargas ao mar”.

E os instantes foram se passando, transformando-se em minutos, e estes em horas, sem que, felizmente, o enjôo chegasse para nenhum.

Às 10h30 todos reclamavam fome, que era intensa. O coronel Pedroso Reis logo se propôs a indagar a que horas seria servido o almoço. Todos receberam muito bem a idéia. E ele foi. Procurou o comissário de bordo, um moço distinto e delicado, e indagou não só a hora do almoço, mas a de todas as refeições.

Saindo do tombadilho, onde a turma se divertia com o “cavalo”, o “pôquer” e o “sete e meio”, ele informou que somente às 12 horas teríamos “bóia”.

Todos desanimaram. O café havia sido tomado muito cedo e os estômagos reclamavam desesperados.

E os sanduíches do bar serviram apenas para minorar as iras de que estavam possuídos os nossos estômagos.

Às 11h30 tocou a primeira chamada do almoço e, às 12 horas, todos desciam para o refeitório, onde o almoço, bom e delicioso, foi devorado por nós.

Após a primeira refeição de bordo, fizeram um pouco de música, tendo Vivi se abancado ao piano, onde deliciou os presentes com as músicas modernas.

Todos continuavam firmes, sem enjoar, e algum passageiro mais treinado avisou-se de que se aproximava Cabo Frio, e que, quem não enjoasse até ali, não enjoaria mais.

Em verdade, pouco antes das 5 horas passávamos pelo referido cabo. Todos se sentiam bem dispostos, sem o menor sinal de enjôo.

Pedroso Reis, radiante com os seus “Mulatinhos”, como se diz na gíria, não largava o paletó do pessoal de bordo, incumbido das refeições, sempre indagando a que horas seria servida a próxima “bóia”.

Anoiteceu sem que nada de anormal viesse perturbar a marcha da viagem.

Às 19h tocou o jantar e, às 20h, já todos se encontravam no salão de música, onde o trio de bordo, muito mal, assassinava sambas e valsas.

Jaguarão, Zezé, Eduardo, Nicanor e Santana, na popa do Araranguá formaram um choro estupendo. E, enquanto o primeiro tocava uma gaita, os outros cantavam o estribilho e Nicanor “tirava”, mexendo com todos os passageiros.

Eram pouco mais de 22 horas quando nos recolhemos, sem que tivesse chegado para nenhum a hora da “carga ao mar”.

Antes assim...

O trabalho do jornalista Zolachio Diniz é tão minucioso que ele detalha além da viagem de navio, a chegada a Salvador. Dá até vontade de estar lá com o Bangu...

Um suculento vatapá

Eram 4h da madrugada quando nos perfizemos de pé. Fomos ao banho e antes das 5 estávamos no tombadilho, vendo terras baianas. Às 5h30 transpusemos a barra da baía de São Salvador e divisávamos as primeiras casas da pitoresca cidade.

Causou ótima impressão a todos nós o espetáculo deslumbrante que é a Bahia vista do mar. Tivemos a impressão de estar vendo um lindo e belo presépio, de extraordinárias dimensões, mas que causa fascinação a quem o aprecia. E logo, alguém nos mostrou à nossa direita o Bonfim todo iluminado. Toda a delegação estava deslumbrada com tão lindo e empolgante cenário. Eram 6h quando o Araranguá recebeu a visita da polícia e da saúde do porto, logo se pondo em marcha rumo ao armazém 5 das docas, onde encostou e onde desembarcamos. Na lancha da polícia vieram os srs. Braz Moscoso, presidente da Liga Baiana; Viera Lopes, presidente do Ypiranga, e Manoel Rodrigues Bezelga, também diretor do Ypiranga, que apresentaram os votos de boas vindas ao coronel Pedroso Reis em nome da Bahia esportiva. Antes das 6h30 pisávamos o solo baiano sob os olhares curiosos de muitos populares que, apesar do cedo da hora, encontravam-se no cais. Ali recebemos cumprimentos de vários jornalistas e muitos *sportmen* de destaque no seio da Bahia esportiva.

Mal desembarcamos, sempre acompanhados pelos diretores do Ypiranga, pelo presidente da Liga Baiana e por vários jornalistas, tomamos automóveis e percorremos os trechos mais pitorescos da cidade. Barra, Pituba, Rio Vermelho e a Avenida Oceânica, até a estátua do Cristo. Regressando após ao Hotel Sul-Americano, situado na ladeira de São Bento, onde ficamos hospedados e onde nos esperava uma mesa com biscoitos e chocolate.

Terminada esta refeição, e após a rapaziada ter tomado conta dos aposentos que lhes haviam sido reservados, permanecemos no hotel alguns instantes recebendo cumprimentos dos esportistas locais. Depois fomos visitar o Convento de São Francisco, maravilhoso e rico como nenhum outro no mundo, a Igreja da Lapinha, Baixa do Sapateiro, etc. Às 12h almoçamos pela primeira vez em terra baiana, tendo-nos sido servido um suculento vatapá.

Fonte: Diário Carioca

Depois de tanto turismo e gastronomia será que o Bangu jogou bola? Sim, e jogou muita bola. Foram cinco partidas no Campo da Graça, em Salvador: três vitórias e duas derrotas entre 26 de janeiro e 9 de fevereiro de 1930. Marcamos 22 gols, sofremos 12. O craque Ladislau assombrou os baianos, marcando 8 gols em cinco jogos. A estréia, contra a Associação Atlética da Bahia – 3ª colocada no campeonato estadual de 1929 –, foi uma prova do que poderia fazer o alvirrubro: vitória por 5 x 2.

Na seqüência, destruímos o Fluminense de Salvador por 10 x 1; perdemos para o Botafogo local por 2 x 4; ganhamos a Seleção Baiana por 4 x 2 e nos despedimos com uma derrota para o Ypiranga por 1 x 3, em jogo que teve até briga.

Contra a Associação Atlética da Bahia, o Bangu sofreu um gol histórico. Nunca antes, nem depois, o clube levou um gol de um jogador de apelido tão estranho: “Pega-Pinto” abriu a contagem para o time local, aos 21 minutos do primeiro tempo.

Nada que assustasse os banguenses. Jogando como centroavante, Médio precisou de apenas cinco minutos para empatar o placar. Mais quatro minutinhos e o terceiro irmão da família da Guia virou o marcador para 2 a 1.

Aos 32, é a vez de Ladislau ampliar a vantagem alvirrubra: 3 a 1, dando números finais ao primeiro tempo.

No segundo tempo, o árbitro faz uma média com os donos-da-casa e marca um pênalti aos 13 minutos. Astério converte, ajudando a Associação a encostar no placar.

Mas a diferença técnica entre as duas equipes era enorme e, na cobrança de um córner, o zagueiro Lamartine afasta, a bola sobra, fora da área, justamente nos pés de Ladislau, que desfere um “tijolo quente” com endereço certo para o fundo da rede do goleiro Teixeira Gomes: 4 a 2.

Quando o jogo já estava nos acréscimos, eis que Nicanor ainda teve fôlego para anotar o seu gol, o quinto do Bangu.

A vitória rendeu ao time sua primeira taça em Salvador: a Companhia Aliança da Bahia ofereceu um belo troféu aos banguenses.

A partida – que teve uma “assistência regular” só não foi boa para o meia Santana, que se contundiu e acabou ficando de fora dos demais jogos da excursão. Ainda bem que, pelo menos, o Bangu levou dois (!!!) reservas: Quininho e Vivi.

Domingo, 26 de janeiro de 1930



Competição: Amistoso Interestadual

Local: Campo da Graça, Salvador (BA)

Juiz: Arnaldo Silveira

Bangu: Zezé, Domingos da Guia e Sá Pinto; Zé Maria, Santana e Eduardo; Plínio, Ladislau, Médio, Nicanor e Jaguarão.

Associação Atlética da Bahia: Teixeira Gomes, Mussulo e Juliano; Lamartine, Roberto e Villalva; Bayma, Astério, Vivi, Gambá e Pega Pinto.

Gols: No 1º tempo: Pega Pinto (21), **Médio** (26), **Médio** (30) e **Ladislau** (32). No 2º tempo: Astério (pên.) (13), **Ladislau** (24) e **Nicanor** (41).



Cartão postal retratando o navio Araranguá.